



GADOTTI, Moacir. Concepção dialética da educação: um estudo introdutório. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2018. 208p.

Stélio João Rodrigues¹

O autor resenhado é doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra (1977) e doutor *honoris causa* pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2000). É professor titular aposentado da Universidade de São Paulo e Presidente de Honra do Instituto Paulo Freire. Tem vasta experiência na área de Educação. Possui numerosos livros publicados no Brasil e no exterior, entre os quais destacam-se: **Pedagogia da Terra** (2001), **Educar para a sustentabilidade** (2008), **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido** (2002), **Os mestres de Rousseau** (2004), **Paulo Freire: uma biobibliografia** (1996), **Pedagogia da Práxis** (1995), **História da Ideias Pedagógicas** (1993), **Escola Cidadã** (1992), **Pensamento pedagógico brasileiro** (1987), **Concepção dialética da educação** (1983) e **A Educação contra a educação** (1981)

¹ Stélio João Rodrigues, doutor em Educação pela Universidad de La Habana – Cuba, Pós Doutor em Religião e Educação pela Faculdades EST. É professor na Faculdade Anhanguera Educacional. E-mail: steliojoaorodrigues@yahoo.com.br

O livro está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo: *A dialética: concepção e método*, destaca as origens e retrata os conceitos da dialética. Dialética expressava um modo específico de argumentar que consistia em descobrir as contradições contidas no raciocínio do adversário (análise), negando, assim, a validade de sua argumentação e supondo-a por outra. Sócrates foi considerado o maior dialético da Grécia. Neste capítulo escreve sobre filósofos como: Lao Tsé, que viveu sete séculos antes de Cristo, e é considerado o rei da dialética, não porque tenha elaborado suas leis, mas por tê-las incorporado à sua doutrina, ou melhor, por tê-la fundado no princípio mesmo da dialética que é a contradição; Heráclito de Éfeso, para quem a realidade é um constante devir, onde prevalece a luta dos opostos: frio-calor, vida-morte, bem-mal; Parmênides de Eléia, que sustentava que o movimento era uma ilusão e que tudo era imutável; para Platão a dialética era um método inteligível, método de dedução racional das ideias; para Aristóteles, a dialética era apenas auxiliar da filosofia, apenas reduzia à atividade crítica. Para Aristóteles, o educando seria potencialmente educado. A educação do ser humano seria o processo mediante o qual o ser humano desabrocha todas suas potencialidades.

No início da Idade Moderna, a dialética foi julgada inútil, pois Aristóteles já havia dito tudo. Para Rousseau, todas as pessoas nascem e só uma organização democrática da sociedade levará os indivíduos a se desenvolverem plenamente. Mas é só a partir de Hegel que a dialética retorna como tema central da filosofia e como filosofia. Hegel concebe processo racional como um processo dialético no qual a contradição não é considerada como ilógica, paradoxal, mas como o verdadeiro motor do pensamento, ao mesmo tempo que é motor da história, já que história não é senão o pensamento que se realiza. Para Feuerbach o ser humano projeta no céu o sonho de justiça que não consegue realizar na terra: “o homem pobre possui um Deus rico”.

Marx apresenta os princípios (ou leis) da dialética: a) Tudo se relaciona; b) Tudo se transforma; c) Mudança qualitativa; d) Unidade e luta dos contrários: lógica formal e lógica dialética. Descreve a contradição como essência da dialética. O método dialético e suas regras e dialética e verdade.

No segundo capítulo faz uma crítica da educação burguesa onde escreve sobre: história da questão; trabalho produtivo e trabalho improdutivo; alienação e tempo livre; educação e trabalho; a omnilateralidade e o “homem novo”; hegemonia e educação; o princípio unitário; crítica ao espontaneísmo.

O sistema escolar seria, então, o grande instrumento do capitalismo na preparação de mão-de-obra improdutivo, responsável pela criação e desenvolvimento de uma classe média em expansão com a própria expansão do capital. A educação é um processo contraditório (unidade e oposição), uma totalidade de ação e reflexão: eliminando a autoridade, caímos no espontaneísmo libertário, onde não se dá educação; eliminando a liberdade, caímos no autoritarismo, onde também não existe educação mas domesticação ou puro adestramento. O ato educativo realiza-se nessa tensão dialética entre liberdade e necessidade.

Sendo a educação uma totalidade, isto é, uma “síntese de múltiplas determinações” (Marx), na concepção dialética ela se propõe compreender essas determinações para intervir nelas, buscar a realização plena do ser humano (omnilateralidade), libertá-lo. Por isso coloca-se numa perspectiva progressiva e transformadora da realidade. Em oposição, a educação burguesa tem por finalidade a ocultação dessa realidade em transformação, pois seu projeto de sociedade é conservador e se utiliza da educação para legitimar e perpetuar os seus privilégios de classe. Através da educação, a educação burguesa, apresenta os seus interesses particulares como sendo os interesses gerais da sociedade como um todo e, portanto, também como sendo os legítimos interesses da maioria que é a classe trabalhadora.

Assim, através da crítica da educação burguesa que o desenvolvimento da dialética permitiu, surge uma concepção de educação emancipatória. A burguesia, tendo necessidade da escola para gerar um senso comum favorável a ela, acaba fornecendo, dialeticamente, os instrumentos para minar-se a si própria, ampliando a sua própria contradição.

No terceiro capítulo o autor faz uma crítica a pedagogia crítica descrevendo sobre: a autoridade vacante; a revolução pedagógica; a hierarquia funcional; onde o conteúdo é a forma; autogestão pedagógica: análise de uma experiência vivida. A pedagogia tem necessidade muito mais de uma imagem do ser humano do que de um método. Contra os reducionismos e a visão unidimensional do ser humano, será preciso mostrar um ser humano por inteiro, com seus desejos, seus instintos, mas, igualmente, com suas limitações, seus determinismos, com um corpo, uma inteligência e uma vontade.

No quarto capítulo o autor faz uma narrativa crítica da história da educação brasileira, fazendo um confronto entre as concepções: dialética,

metafísica e tecnoburocrática; entre a educação populista (1930-1964) e a educação autoritária. Discorre neste capítulo sobre a deterioração do ensino público; o nascimento da universidade autoritária; como manter a universidade autoritária; a luta pela universidade crítica; a universidade do trabalhador. Analisa a educação do educador, educação e ideologia trazendo uma crítica às propostas vigentes enfatizando a luta por uma educação emancipadora.

A pedagogia dialética, fundada no pensamento dialético, afronta decididamente a questão da formação do ser humano como sendo uma tarefa social. Não centra “no estudante” ou “no professor” o ato pedagógico, como uma pedagogia liberal do nosso tempo, fugindo da questão central da formação do ser humano que são suas condições reais de vida na sociedade, suas “múltiplas determinações”. Para a pedagogia dialética a questão central da pedagogia é o ser humano enquanto ser político, a libertação histórica, concreta, do ser humano contemporâneo.

A concepção dialética entende que o desenvolvimento humano se dá pela interação de determinantes internos e externos, negando “a existência de uma natureza a priori da criança que não seja a genética natureza humana, susceptível de todos os desenvolvimentos”. Supera, portanto, a velha teoria sociológica da educação fundada no determinismo social, teoria conservadora segundo a qual a educação reproduz apenas as condições de classe de cada indivíduo, predestinando-o aos planos e destinos de sua classe. A escola não é um feudo da classe dominante; ela é um terreno de luta entre a classe dominante e a classe explorada. Ela é terreno em que se defrontam as forças do progresso e as forças conservadoras. O que se passa na escola reflete a exploração e a luta contra a exploração. Ela é simultaneamente reprodução das estruturas existentes, correia de transmissão da ideologia oficial; mas também ameaça à ordem estabelecida e possibilidade de libertação. A escola é uma instabilidade, mais ou menos aberta, a nossa ação.

A indicação desta obra nos permite buscar um senso crítico da realidade que vivemos e enquanto instrumento de análise, enquanto método de apropriação do concreto, a dialética pode ser entendida como crítica: crítica dos pressupostos, crítica das ideologias e visões do mundo, crítica de dogmas e preconceitos. A tarefa da dialética é essencialmente crítica. Manter tensão dialética entre indivíduo e sociedade talvez seja o princípio básico de uma pedagogia que pretenda ser transformadora das condições humanas, de suas relações consigo mesmo, com

outro e com o cosmos.

A mudança de qualidade nas relações que mantêm a sociedade ativa é fruto de uma lenta e por vezes violenta maturação quantitativa, no interior dessas mesmas relações. É uma guerra surda, cotidiana, e, até certo ponto, inglória. É o trabalho muitas vezes anônimo, do professor, por exemplo. A educação só pode ser transformadora nessa luta, no cotidiano, na lenta tarefa de transformação da ideologia na luta travada na escola.